

A guerra é permanente

Paul Mattick

<http://www.aaap.be/Pdf/International-Council-Correspondence/International-Council-Correspondence-5-01a.pdf>

<http://www.aaap.be/Pdf/International-Council-Correspondence/International-Council-Correspondence-5-01b.pdf>

Publicado em: Living Marxism - International Council Correspondence, Vol. V (1940-1941), No 1 (Spring 1940)

A tão esperada segunda guerra mundial está em andamento. As suposições sobre seu resultado surgem de todas as direções. No entanto, a ignorância e o pensamento positivo obscurecem a maioria das especulações populares. Para descobrir, então, o real significado dessa guerra, formar uma atitude em relação a ela e discutir possíveis ações contra ela, é necessário, antes de tudo, afastar os equívocos atuais sobre ela.

Na Grã-Bretanha, desde os conservadores de esquerda até o Partido Trabalhista e os sindicatos, afirma-se que não há motivo para a guerra a não ser acabar com o "hitlerismo", a "ilegalidade" internacional e toda agressão. A burguesia francesa e seu movimento trabalhista (com exceção da legião estrangeira da Rússia na França - o Partido Comunista, que foi banido) tocam a mesma corneta, assim como todas as outras pessoas alinhadas ao lado dos Aliados. O ataque da Alemanha à Polônia é considerado a causa imediata da declaração de guerra. Após o *Anschluss* austríaco e a ocupação da Tchecoslováquia, isso demonstra, segundo eles, que não se pode confiar em Hitler e que nunca mais haverá paz até que esse louco seja removido. Essa opinião é compartilhada por aqueles interessados em retardar o impulso imperialista alemão com o objetivo de acelerar o imperialismo das outras potências.

As potências antinazistas defendem a "democracia", a "paz" e a "civilização", bem como a si mesmas e a várias nações mais fracas contra a barbárie de Hitler, mas os nazistas também se encontram em uma "guerra defensiva" contra a tentativa da Grã-Bretanha de limitar as oportunidades de vida do "povo alemão". Somente uma

Alemanha forte, segundo eles, pode escapar da exploração estrangeira e recuperar seu lugar de direito ao sol. O *Anschluss* era inevitável, eles declaram; a Tchecoslováquia tinha que ser desarmada para proteger a Alemanha, o sistema de Versalhes tinha que ser destruído para que o povo alemão pudesse continuar a viver. Eles voltam atrás nos argumentos morais, apontando que a Inglaterra é notória por quebrar promessas e acordos, que a Polônia não cumpriu os tratados feitos com a Alemanha e que, na verdade, apoiada pela Inglaterra, atacou a Alemanha. Eles declaram que a política de Hitler não é apenas benéfica para a Alemanha, mas também uma garantia de mais paz mundial, uma paz que não é desejada pelos interesses ingleses.

O "socialismo de guerra" alemão desenvolvido muito antes do início das hostilidades forneceu à propaganda nazista um argumento adicional, a saber, que é a natureza "socialista" da economia nacional alemã que é temida e combatida pelas "nações capitalistas, plutocráticas, judaicas e democráticas". Os propagandistas nazistas apontam sarcasticamente que o slogan "defesa da democracia" é uma fraude comum, uma vez que a democracia, que é apenas nominal nos países capitalistas, é muito menos popular do que o fascismo alemão, que realmente governa no interesse da nação como um todo. Essa propaganda é feita por todas as pessoas interessadas na expansão imperialista da Alemanha e no prolongamento do domínio fascista.

É verdade que tanto no argumento fascista quanto no contraponto antifascista há alguns grãos de verdade; caso contrário, não seria possível que as pessoas aceitassem tais explicações. No entanto, a verdade parcial contida na propaganda de guerra perde até mesmo o mínimo de veracidade quando conectada a todos os argumentos, sem falar na comparação com os fatos reais.

Os países "neutros" aderem a uma ou outra posição mencionada, mas estão sempre prontos para mudar de lado. Eles falam em paz desde que não estejam dispostos nem sejam forçados a entrar na guerra, embora, enquanto isso, participem de suas batalhas econômicas. O curso da guerra em ambas as frentes, militar e econômica, tomará as decisões para esses países. Como até o momento a guerra ainda está em suas fases iniciais, apesar da Polônia e da Finlândia, porque a guerra econômica ainda não levou a um crescimento total da guerra militar, os desempenhos curiosos de países como Itália, Espanha, Turquia e Japão ainda são possíveis. A Rússia, embora esteja participando da agressão imperialista, até hoje se considera e é considerada uma potência "neutra". Todos os países parecem esperar por mais pistas, ofertas, acidentes e movimentos antes de darem um passo adiante na direção de uma guerra mundial digna de seus ancestrais.

A neutralidade desses países é uma fraude tão grande quanto a "defesa" alemã ou o "anti-hitlerismo" dos Aliados. Nenhum país está alheio à guerra atual. De várias maneiras, a ocupação da Manchúria pelo Japão, a conquista da Etiópia pela Itália e a guerra civil espanhola, para mencionar apenas alguns incidentes, estão intimamente ligadas à guerra atual. O mesmo acontece com a política de neutralidade, assim como qualquer outra política dos Estados Unidos. Embora pareça que a maioria da população dos Estados Unidos compartilha do absurdo atual em relação à causa da guerra, direcionando suas simpatias para o lado dos "países pacíficos" e "democráticos", sua participação na guerra não será determinada por esse sentimento, mas por realidades sobre as quais eles têm pouco controle e que nem mesmo são conhecidas por eles.

Guerra e capitalismo

O conhecimento da causa da guerra é indispensável para qualquer investigação. Já havia guerras antes do capitalismo. Somente a guerra capitalista é causada pelo sistema socioeconômico atual. Algumas pessoas sustentam que, no capitalismo, as guerras são inevitáveis; outras supõem a possibilidade de uma sociedade capitalista proibir as guerras para sempre. Esses últimos consideraram a guerra de 1914 como a "última guerra", como a guerra que acabaria com todas as guerras. Mais uma vez, eles proclamam que essa guerra é o caminho inevitável para a paz eterna. Agora, como naquela época, eles alimentam uma "grande ilusão".

Acreditamos que, embora cada guerra tenha sua razão histórica específica, todas as guerras dentro do sistema capitalista também têm uma razão geral que pode ser encontrada nas relações de classe e produção do capitalismo. Assim como o boom e a depressão estão inter-relacionados, a guerra e a paz interdependem uma da outra. Favorecer a prosperidade capitalista significa sofrer depressões capitalistas, favorecer a paz capitalista significa ser um fomentador de guerra. O guerreiro e o pacifista não podem deixar de agir da mesma forma, porque ambos reagem às mesmas forças, além de seu controle.

Explicar a interconexão entre guerra e paz: As guerras alemãs de 1864 a 1871, por exemplo, foram planejadas para romper uma estrutura política nacional e internacional que impedia o desenvolvimento da Alemanha como uma potência industrial e capitalista de primeira linha capaz de competir com outras nações capitalistas. As guerras ajudaram a criar uma situação em que as forças produtivas recém-liberadas exigiam mais do que uma mera posição de potência europeia. A Alemanha prosseguiu no

caminho do poder mundial em concorrência direta com a França e a Inglaterra. Ela se propôs a ter uma participação maior na exploração da mão de obra mundial. A prosperidade pacífica do pós-guerra, baseada em uma rápida acumulação de capital, teve, em grande parte, sua base no novo cenário criado pelas guerras, assim como as dificuldades anteriores para iniciar essa expansão foram um motivo importante para sua eclosão.

Como uma economia capitalista não pode continuar sendo uma economia "nacional", ela deve necessariamente levar a conflitos entre as nações sempre que as complicações da economia, que aumentam com o crescimento do capital, exigirem soluções e mudanças realizadas internacionalmente pelas unidades nacionais. A forma nacional do capitalismo é uma de suas limitações, que, no entanto, não pode ser superada a menos que o próprio sistema capitalista desapareça.

As guerras nacionais e as revoluções nacionais afetam a produção mundial capitalista tanto quanto a exportação de capital, a colonização, a divisão internacional do trabalho e o comércio exterior. De fato, as guerras e revoluções ocorrem quando os meios "pacíficos" de fortalecimento e disseminação do capitalismo se tornam insuficientes ou perdem totalmente a força. Embora as guerras em si não criem lucros, mas destruam o capital, ainda assim o desenvolvimento do capital é impensável sem elas.

Por muito tempo, até recentemente, todas as depressões podiam ser consideradas como um "processo de cura" de um corpo econômico doente, levando, na verdade, a uma nova prosperidade, desfrutando de um novo nível de produtividade que a própria depressão estabeleceu. Da mesma forma, cada guerra poderia ser considerada como uma tentativa de reorganização para a paz. A questão hoje é apenas que, na medida em que a depressão não parece mais restabelecer uma base para a prosperidade, se da mesma forma a guerra não pode mais estabelecer uma base para outro período de paz capitalista¹.

Contradições econômicas

Uma das contradições e calamidades insolúveis da produção capitalista de lucros é o fato de que, quanto mais ela se esforça para aumentar seus lucros, mais difícil se torna produzi-los. Somente um aumento constante na formação de capital permite a

¹ Embora seja verdade que as misérias da depressão estejam sempre presentes em qualquer período de prosperidade e que um período de paz total nunca tenha sido uma realidade, essas situações ainda podem ser distinguidas, pois o grau de miséria existente ou a extensão da guerra em todo o esquema das coisas pode ser relativamente determinado.

prosperidade capitalista. A depressão e a estagnação contínuas não permitem outra perspectiva senão a eventual destruição da sociedade capitalista. Se for impossível, em um determinado país, aumentar a lucratividade do capital o suficiente para continuar a expansão do capital, surge a necessidade urgente de começar ou aumentar a apropriação de lucros adicionais do exterior. Isso significa um ataque às oportunidades de lucro de outras nações e, quando a situação se torna crítica, a guerra.

Essa explicação seca da base econômica do capitalismo² e do imperialismo (e a base de ambos é a mesma) não conta, é claro, toda a história, mas sem ela seria impossível uma compreensão real da incapacidade do capitalismo de escapar dos atritos internos e das guerras internacionais. A necessidade insaciável de lucros cada vez maiores, o fato de que o capitalismo nada mais é do que a produção de lucros, torna necessário explicar as forças motrizes por trás das ações imperialistas em termos de categorias econômicas. Mais do que isso, qualquer que seja o fenômeno que possa ser apresentado para explicar o imperialismo, como, por exemplo, os argumentos ideológicos, o desejo de segurança, de terras e de matérias-primas, a monopolização de mercados, a exportação de capital, os requisitos estratégicos-militares ou qualquer outra coisa, pode ser reduzido aos seus termos mais simples: a necessidade vital do capitalismo de acumular lucros.

Não deve mais haver dúvida de que todas as dificuldades do capitalismo decorrem da falta de lucros. Nesse ponto, todos os capitalistas e todos os economistas burgueses estão de acordo, independentemente das diferentes explicações que possam apresentar para explicar essa escassez, ou quaisquer que sejam os métodos que possam sugerir para acabar com ela. Eles empregaram vários meios e métodos para aumentar a lucratividade do capital a fim de continuar a expansão. Aumentaram a produtividade do trabalho e intensificaram sua exploração; formaram combinações de fabricantes, cartéis, sindicatos, etc. Estabeleceram controles de marketing e de preços, criaram trustes e monopólios, e tudo isso sem sucesso. Assim que um setor parecia estar estabilizado, outro era desestabilizado. Na tentativa de proteger e aumentar o capital de um ou outro grupo capitalista, a base da existência de toda a sociedade capitalista tornou-se ainda

² Não queremos dar, neste momento, uma explicação mais completa das consequências do processo de acumulação capitalista, já que tratamos delas com bastante frequência em edições anteriores do Living Marxism. Aceitamos a teoria de acumulação de Marx e sua interpretação do significado da tendência de queda da taxa de lucro no decorrer do processo de acumulação. (A taxa de lucro diminui porque a composição orgânica do capital cresce, ou seja, a parte do capital investida em meios de produção cresce mais rapidamente do que a investida em força de trabalho. Como os lucros são derivados apenas da exploração da força de trabalho, o declínio dessa última em relação ao capital investido nos meios de produção deve dificultar, com o passar do tempo, a obtenção de lucros suficientes para a continuação de uma taxa de expansão do capital necessária para a prosperidade capitalista).

mais precária. Assim, o capitalismo, buscando superar suas barreiras, conseguiu apenas criar barreiras maiores e mais intransponíveis.

Colonização e imperialismo

A necessidade de ações imperialistas nada mais é do que a necessidade de lucros. Como essa necessidade explica o desenvolvimento interno dos países capitalistas, ela também explica sua política externa. O capital é transferido de um campo de produção para outro, tanto interna quanto internacionalmente. Ele é enviado para países não capitalistas ou para países que oferecem condições de produção mais favoráveis, assim como se espalha por todos os ramos de manufatura e conquista a agricultura primitiva nos países avançados.

Os imperialistas colonizadores começaram exportando capital para o desenvolvimento de plantações, sistemas de irrigação, minas, moinhos e fábricas. Em troca da construção de rodovias, ferrovias e portos para os imperialistas, as colônias se viram inundadas de mercadorias dos países-mãe. A exploração das colônias era dupla: a força de trabalho era explorada diretamente nas empresas capitalistas e, indiretamente, por meio da troca de produtos coloniais por aqueles fabricados nos países-mãe. A diferença na produtividade do trabalho, devido à alta composição orgânica do capital nas nações imperialistas e à baixa composição orgânica do capital nas colônias, permite que os países avançados troquem menos trabalho por mais e explorem até mesmo as populações mais pobres do mundo. Além dessas medidas, a tributação e o trabalho forçado aumentaram ainda mais os lucros obtidos com a colonização.

Da mesma forma, o desejo e a necessidade de exploração colonial são frequentemente negados pela afirmação de que as colônias provaram ser passivos, e não ativos, para os países imperialistas; mas nenhum país capitalista até agora esteve pronto para se desfazer delas, a menos que fosse forçado a fazê-lo por outras nações dispostas a assumir o "fardo do homem branco". Os Aliados não hesitaram nem um segundo em tomar as colônias da Alemanha depois de 1918, pois, na realidade, a posse delas e o controle de países atrasados são lucrativos para os imperialistas, não apenas por causa da exploração dos nativos, mas também por causa do estabelecimento de monopólios sobre matérias-primas vitais e porque podem ser obtidas vantagens estratégicas militares que, por sua vez, podem ser transformadas em lucros adicionais.

Embora possa ser verdade que as colônias sejam caras para os contribuintes de impostos de um país imperialista, ainda assim elas renderam enormes lucros aos grupos

capitalistas diretamente envolvidos na exploração colonial. Não é injusto dizer sobre a Inglaterra, por exemplo, que sua rápida ascensão como potência industrial e capitalista não teria ocorrido sem as fortunas retiradas da Índia. O dinheiro em quantidade suficiente é transformado em capital: sem a enorme acumulação de dinheiro, amplamente auxiliada pela pilhagem colonial, o desenvolvimento do capitalismo teria sido muito mais lento.

Imperialismo e fascismo

A necessidade cada vez maior de lucros adicionais intensifica todas as rivalidades imperialistas. Mas as mudanças que ocorrem em cada país capitalista se refletem em sua atitude imperialista. O crescimento internacional do capital torna-se oposto ao seu imperialismo inicial. As novas nações capitalistas, que entraram tardiamente na arena da política mundial, se viram e estão se vendo prejudicadas por condições criadas na época em que ainda pertenciam aos países atrasados. Os antigos países capitalistas, especialmente a Inglaterra, subjugaram grande parte do mundo e o exploraram em seus interesses exclusivos. Para evitar a exploração pelos países mais fortes, os países atrasados tiveram de desenvolver meios "artificiais" para aumentar sua força competitiva³. Eles se tornaram mais "políticos", mais "militaristas", mais "inquietos" e menos "democráticos" desde o início de seu desenvolvimento.

O "espírito militarista" e a "natureza antidemocrática" expressos mais abertamente por países como Alemanha, Japão, Itália e Rússia estão ligados não apenas às suas tradições feudais, mas também às suas posições precárias como novos países capitalistas na economia mundial. Eles simplesmente não podem se permitir o espírito "democrático" da França, que governa um vasto império colonial e possui até mesmo os meios para manter uma população camponesa amplamente satisfeita. Não podem se permitir a solidariedade efetiva de todas as classes que existe na Inglaterra e que se baseia em um reconhecimento instintivo de que o privilégio inglês exige essa unidade. Limitados em sua apropriação dos lucros da exploração mundial, eles são forçados a espremer sua própria população com mais intensidade para acumular lucros. "A história inglesa mostra que a democracia política só pode funcionar onde o ritmo da transformação social é lento e constante", observou Adolf Loewe⁴; ela não pode funcionar com os mesmos resultados e em formas idênticas nos países capitalistas mais novos e atrasados,

³ Veja o artigo a seguir sobre o desenvolvimento da Economia Burguesa nesta edição.

⁴ *The Price of Liberty (O preço da liberdade)*. Londres, 1937, p. 38.

que precisam acelerar seu processo de capitalização. Mas essa acumulação acelerada, baseada na exploração intensiva dos trabalhadores nativos, dá origem à legislação social para compensar a opressão e evitar que se mate a galinha dos ovos de ouro. Esse elemento "social" nos países capitalistas mais recentes, aclamado como seu processo de humanização, foi e é, na verdade, uma expressão de sua insegurança e bestialização. Embora a escassez de capital seja compensada por uma melhor organização, o que ajuda a desenvolver o capitalismo, ao mesmo tempo mina ainda mais rapidamente seu fundamento: as leis de funcionamento cego do mercado.

O processo de acumulação de capital é, ao mesmo tempo, o processo de concentração e centralização do poder econômico e político. Ele ocorre durante toda a evolução do capitalismo e avança mais rapidamente durante os períodos de estagnação e declínio. Atualmente, ele é acentuado por novos movimentos políticos que surgem sob termos como bolchevismo e fascismo.

Com frequência, supunha-se que quanto mais rico um país, mais forte deveria ser sua centralização e concentração. No entanto, o que determina o grau de centralização em um país é a rapidez de acumulação exigida por sua posição competitiva no mercado mundial. Expresso apenas em termos de concentração de capital, era verdade até a guerra mundial que os países capitalistas mais desenvolvidos eram aqueles em que se concentravam as maiores fortunas. No entanto, quanto mais "rico" um país era em termos econômicos, menos urgente era sua necessidade de governar politicamente. O governo era deixado para os políticos de classe média, pois eles não podiam deixar de governar no interesse dos grandes capitalistas e, de qualquer forma, não podiam governar contra eles. Nos Estados Unidos, por exemplo, os poderosos capitalistas podiam ignorar o governo a ponto de, às vezes, ele parecer estar em estrita oposição às necessidades das grandes empresas, sem, no entanto, poder exercer mais do que uma oposição verbal.

Nos países capitalistas mais pobres, como o Japão, a concentração de riqueza foi, desde o início, idêntica à concentração de poder político. O que era necessário aqui não era o lento desenvolvimento "normal" do capitalismo por meio da concorrência geral, mas uma capitalização forçada que exigia desde o início as mais amplas interferências estatais para superar as desvantagens da entrada tardia do Japão no mercado mundial. Em outras palavras, a alta concentração de capital e riqueza alcançada nos países capitalistas mais antigos explica a acentuada concentração de riqueza e poder nos países mais atrasados. O slogan russo, "Alcançar e superar" o capitalismo ocidental, não é um

slogan vazio, mas ditado por uma necessidade extrema, a necessidade de evitar a exploração pelo capital estrangeiro e, assim, ser prejudicado em seu desenvolvimento nacional, o que significaria a continuação da miséria causada por uma combinação de forças produtivas geralmente atrasadas com a exploração do exterior. Transformar essa miséria primitiva nas misérias avançadas do capitalismo obriga o uso de métodos nacional-revolucionários dirigidos contra os interesses vinculados às condições atrasadas do país e aos interesses do capital estrangeiro. A capitalização de tais países, portanto, quando não é realizada pela burguesia ainda não desenvolvida, deve ser realizada contra a burguesia. A fraqueza econômica dos países atrasados explica, portanto, a centralização radical de todo o poder possível nas mãos do Estado.

Essa centralização forçada, além disso, revela o verdadeiro caráter internacional do capitalismo, que força seus elos mais fracos a saltar violentamente sobre e além das lacunas de desenvolvimento entre eles e as nações mais fortes. Desse ponto de vista, as tendências capitalistas estatais que se desenvolvem tanto nas nações "fascistas" quanto nas "democráticas" indicam uma fraqueza econômica real do capitalismo.

Assim, os "agressores" na luta atual transformaram sua fraqueza em força. É verdade que tanto as nações fascistas quanto as antifascistas são agressoras, mas, até recentemente, as "nações democráticas" podiam enfatizar o uso de armas econômicas, enquanto os países fascistas, cada vez mais, tinham de confiar em armas puramente militares. A crise mundial de 1929, que aguçou as contradições imperialistas e perturbou a economia internacional em proporções desconhecidas, acentuou a militarização do capitalismo. Se a crise não trouxe mais do que o "New Deal" para um país rico como os Estados Unidos, trouxe o fascismo para um país mais pobre como a Alemanha, que já contava com nações ainda mais pobres como Itália, Japão, Turquia, Rússia e Polônia. O fascismo revela um capital árido e um bem-estar ainda existente é a base do antifascismo. Quando esse bem-estar desaparece, ocorre a metamorfose do antifascismo em fascismo.

É verdade, ou melhor, era verdade, que na época da rápida acumulação de capital, o número de capitalistas aumentou junto com o crescimento do capital. Mas assim que se compara esse número maior com o aumento do capital, é preciso dizer que, em relação à taxa de crescimento do capital, o número de capitalistas diminuiu. Eles foram dizimados tanto em booms quanto em depressões; foram vítimas da trustificação e do controle de mercado, de mudanças na produção e na produtividade. No entanto, em períodos de estagnação do capital e condições de crise, o processo de concentração do capital por

meio de canais predominantemente econômicos desacelerou a ponto de, como na Alemanha, ter de ser apoiado por métodos políticos violentos.

Lutas políticas internas, mudança de posições de classe, bakruptcies e favoritismo, aumento da interferência do Estado para garantir alguma forma de estabilidade à sociedade exploradora, levaram a uma situação em que o Estado assumiu a liderança econômica. Embora ainda existam na Alemanha e na Itália empreendedores individuais, interesses, lucros e metas individuais e, com isso, chances individuais de ganho, privilégios e lucros extras, esse individualismo está agora subordinado à economia total controlada pelo Estado. É claro que antes também havia agregados e complexidades econômicas, mas hoje a diversidade individual de todos os sujeitos e empreendimentos econômicos é coordenada e direcionada para uma atividade total unificada, na medida em que isso é possível.

Na Alemanha de hoje, o empresário individual não é mais o dono de sua própria empresa. Ele não pode mais decidir sobre o investimento, a importação ou a qualidade das matérias-primas, as condições de trabalho, o tipo de produção, a taxa de juros ou de lucro. O comércio exterior e a ativação colonial das forças de expansão são retirados de suas mãos. Ele se torna um funcionário interessado em um aparato econômico burocratizado e politizado. Ele não mais possui de fato ou aumenta o capital que precisa ser reinvestido. A centralização forçada, o monopólio estatal fiduciário, restringiu, se não aboliu, a concorrência. Para ele, não há mais uma crise no sentido antigo que ameace a economia, porque a indústria de armamentos, que animou todos os ramos da vida industrial, está funcionando a todo vapor e, na verdade, está repleta de pedidos. O fabricante não é mais assombrado pelo espectro da queda da taxa de lucro porque o Estado fixou, normalizou e garantiu sua renda. Para expansão ou novos investimentos, o tesouro do estado está disponível.

Com esse processo em andamento, a composição da classe dominante muda ainda mais. A burocracia estatal substitui mais completamente os proprietários legais do capital. A burocracia se torna uma mistura de funcionários industriais, militares e políticos. No entanto, assim como os capitalistas de antigamente, os novos governantes fascistas são tais apenas em virtude de seu controle dos meios de produção. O domínio sobre os

trabalhadores e os impotentes da sociedade, que não podia mais ser salvaguardado por meios econômicos, agora é garantido por métodos políticos⁵.

Capaz de desenvolver o comércio mundial apenas com base na exploração, a política internacional de todos os países capitalistas - em todos os momentos decisivos - podia assumir a forma apenas de guerra. Apesar dessa forma peculiar de "relações internacionais", os capitalistas, ainda lutando contra os remanescentes do feudalismo, lutando entre si e contra os trabalhadores, inicialmente precisavam de uma democracia política na qual pudessem resolver seus problemas dentro da luta competitiva geral. Porém, quanto mais o processo de concentração do capital se intensificava, a lei e o governo se tornavam cada vez menos a síntese de inúmeros atritos políticos e econômicos e, em vez disso, as "necessidades do todo" eram melhor atendidas por meio do atendimento exclusivo das necessidades de poucos. O governo se tornou apenas o instrumento de repressão dentro do país e um instrumento para políticas imperialistas.

As fronteiras nacionais, entretanto, não podem deter o processo de centralização. A tendência do desenvolvimento capitalista de reduzir o número de exploradores e, ao mesmo tempo, aumentar seu poder sobre massas maiores de trabalhadores, força as "reorganizações" internacionais das esferas de exploração. Quanto mais a competição dos empreendedores privados era substituída pela competição política por posições de poder burocrático, mais acirrada se tornava a competição entre as nações, mas não mais apenas por esta ou aquela possessão colonial, ou por uma fatia maior do comércio mundial, mas pelo controle completo e exclusivo do chamado "*Lebensraeume*" geográfico-econômico. Em outras palavras, houve a divisão do mundo por algumas potências importantes, que compartilham entre si a exploração das muitas unidades nacionais, assim como as grandes empresas industriais combinadas controlam várias empresas menores. "Somente para algumas grandes potências", afirma uma publicação nazista⁶, "permanece a possibilidade de independência militar e de uma economia autônoma. Para as potências menores, isso não é mais verdade". Além disso, é apontado que a crise mundial não foi superada pelo automatismo que funcionou em depressões anteriores, mas que cada país foi forçado a encontrar uma solução para si mesmo, sem levar em conta a economia mundial. No entanto, essa "solução independente" -

⁵ Como a melhor exposição curta do fascismo e de sua origem, sugerimos a leitura do artigo de Max Horkheimer "The Jews and Europa" (Os judeus e a Europa) na *Zeitschrift fuer Sozialforschung*, Jhrg. VIII, Nr. 1/2; Paris, 1939.

⁶ L. Miksch, "Wirtschaftsgrossmaechte und Nebenlaender". Die Wirtschaftskurve. Frankfurt a. M. H. II. 1939.

inicialmente celebrada como a tendência à autarquia - foi, na realidade, a preparação para a guerra entre as potências decisivas pelo domínio mundial. "O conceito de potência", continua a publicação nazista, "foi definido como um estado capaz de se defender contra uma constelação de outras potências. Como existem grandes potências, os estados pequenos e médios são forçados a cooperar com eles ou a manter a neutralidade. A potência política também deve ser uma potência econômica, o que, portanto, é o verdadeiro significado de toda a política militar atual na Inglaterra, França, Alemanha, Itália e Japão, porque a base para uma economia estabilizada existe em países como os Estados Unidos ou a Rússia Soviética, espalhados por continentes inteiros. Os países menores não têm condições de se defender e só conseguem ser independentes com base em um baixo padrão de vida. A transformação do comércio mundial correspondente às necessidades econômicas e militares de hoje não é geral, mas começa com as grandes potências e leva a um deslocamento de todas as nações em torno de alguns centros de poder."

As condições miseráveis na Rússia e a profundidade da crise nos Estados Unidos, entretanto, mostram que nesses países também não existe a base para uma "economia estabilizada". A crise capitalista não é uma questão de geografia, mas um problema de relações de classe. Enquanto existir a exploração do trabalho assalariado, enquanto toda a economia funcionar para a manutenção e no interesse das classes dominantes, as expansões territoriais, o deslocamento das nações, as divisões das esferas de influência podem ajudar um grupo de capitalistas às custas de outros, mas não podem eliminar a miséria existente e as condições da crise atual. Esse mesmo processo ilustra a total incapacidade do capitalismo de avançar em direção a uma economia mundial real e racional. As "leis automáticas do mercado" não acabaram com as condições de crise que caracterizam o mundo de hoje; não há mais esperança de que isso aconteça. A possibilidade de recorrência da "recuperação normal" também desapareceu, pois para o capitalismo não resta nada além de amalgamar o maior número possível de Estados em um ou outro bloco de potências e tentar equalizar as diversas capacidades competitivas entre esses blocos, o que só é possível por meio da guerra. Mas esse mesmo processo de resolver consciente e capitalisticamente as atuais condições de crise só as aprofunda ainda mais, pois os critérios econômicos do capitalismo que se manifestaram por meio de crises foram eliminados em maior escala sob as recentes interferências fascistas e outras interferências organizadas no mecanismo econômico.

Essa, portanto, é a "tragédia" do fascismo e de todas as tentativas de "planejamento capitalista": quanto mais bem-sucedidas, mais perturbam a ordem mundial capitalista. No entanto, não há como evitar essa destruição, pois com a "espera pela recuperação normal", a depressão criaria misérias atualmente inconcebíveis e causaria a destruição de milhões de seres humanos e multidões de capitalistas. Essa situação não pode ser imaginada sem seu corolário de guerras e revoluções, ou seja, tal situação traria à existência o que existe hoje. Uma paz capitalista não é uma solução para o capitalismo; ela não seria menos dispendiosa do que a guerra. E os inteligentes da classe dominante sabem disso. "Em todos os países beligerantes", escreve o *New Statesman* e o *Nation*⁷, "o retorno à vida civil pode parecer tão perigoso e tão difícil que o medo pode até prolongar a guerra. Além das máquinas ociosas, os homens desmobilizados, mesmo entre os vencedores, se houver vencedores, enfrentarão a pobreza com rifles nas mãos."

Transformação pela guerra

Não era segredo que a Alemanha estava se preparando para a guerra. Toda a sua economia, desde 1933 e mesmo muito antes disso, estava voltada para o massacre que se aproximava. Para possibilitar as lutas externas, era preciso estabelecer a paz no país. A antiga burguesia não podia mais garantir essa paz com os métodos tradicionais. Uma nova ideologia foi desenvolvida para garantir a exploração capitalista, embora ela não parecesse mais capitalista. A fraseologia social tornou-se mais "radical", e a vida real tornou-se mais bárbara. Assim como a "política social" da era da reforma indicava apenas a intensificação da exploração, o crescimento da ideologia nacional-"socialista" expressava apenas a preparação para gigantescos assassinatos em massa.

Do ponto de vista dos interesses da classe trabalhadora, não há diferenças essenciais nas características da Alemanha e das outras estruturas socioeconômicas. No entanto, existem diferenças consideráveis na insegurança econômica das diversas nações, o que explica a gama de diferenças nas ideologias. Como uma nação capitalista, a Alemanha retomou sua política imperialista na primeira oportunidade; os capitalistas que existiam, incapazes e não dispostos a acabar com o capitalismo, foram forçados a participar do novo impulso imperialista ou a permanecer totalmente passivos. E sua passividade real foi uma razão adicional para o surgimento do fascismo com sua fraseologia nacional-socialista peculiar. Mas o que é válido para a Alemanha, nas condições atuais, é válido para todo o mundo. Não agir de forma socialista significa agir de forma

⁷ *Um novo acordo para a Europa*. 2-17-40.

imperialista. É totalmente sem sentido, portanto, afirmar que os trabalhadores alemães não querem realmente lutar pelo fascismo e sua guerra. Ninguém *quer* lutar por nada. Mas, por perderem uma chance histórica, ou na ausência de uma oportunidade para uma revolução social, os trabalhadores de hoje não têm escolha a não ser lutar na guerra fascista. Apesar de os trabalhadores franceses e ingleses declararem e até acreditarem que não estão lutando contra a Alemanha, mas contra Hitler, eles também estão lutando apenas porque não têm outra alternativa, eles também precisam agir de forma imperialista por não terem agido de forma socialista. Por essa razão, não se pode esperar que os trabalhadores desses países, ou de qualquer outro país, se oponham seriamente ao processo de fascização em curso no mundo.

O fascismo não é uma invenção alemã, mas o resultado do liberalismo capitalista. Ele não é o oposto do que existia ontem, mas sua continuação. Suas raízes remontam aos primórdios do capitalismo e pode ser descrito como a forma mais ideal de capitalismo já alcançada. Como o fascismo é o produto do capitalismo propriamente dito e como é criado pelo capitalismo mundial, embora tenha surgido inicialmente em alguns países, algum dia ele deverá abranger o mundo todo, a menos que o sistema capitalista de produção desapareça por completo. A guerra acelerará a fascização do mundo, pois é o meio para esse processo, mas até mesmo esse desenvolvimento deve ser forçado sobre o mundo e não pode ser - devido às relações de classe existentes - adotado de forma consciente e pacífica.

"Para conquistar o inimigo", disse Paul Reynaud⁸, "precisamos primeiro conquistar a nós mesmos". E duas semanas depois, ele disse perante o Senado francês: "Muitos franceses estão inquietos com a perspectiva da França do pós-guerra. Eles se perguntam se o Estado vai devorar tudo... Controle de câmbio? Controle de preços? Controle de salários? ... Os acontecimentos nos forçaram a isso." É verdade, os acontecimentos forçaram o fascismo sobre a burguesia. Mas, uma vez que ele aparece, todas as pontes para a forma anterior de capitalismo são destruídas por essa classe dominante recém-emergente que assume posições de poder social durante a "emergência".

As ditaduras centralizadas do continente também determinam o curso da sociedade inglesa. Sua resistência à transformação em sua direção não deve ser considerada, pois "a solidariedade inconsciente, mas extremamente eficaz, de todas as classes na exploração dos mercados coloniais e pré-capitalistas está chegando ao fim. A luta pela respectiva participação no produto nacional não pode mais ser atenuada simplesmente

⁸ Discurso na Câmara dos Deputados em 13-12-29.

por um compromisso sobre a divisão do aumento anual"⁹. O próprio Estado terá de manter a ordem de exploração e "a única compensação que poderia ser oferecida às classes mais altas em lugar de seus privilégios econômicos seria um papel favorecido no preenchimento de posições de liderança na administração de uma ordem planejada - administração em vez de aquisição"¹⁰. "Não é exagero dizer", afirma o *London Economist*¹¹, "que a forma que o controle industrial assumir durante a guerra dominará o desenvolvimento econômico do país após a guerra. Corremos o sério risco de cair em um sistema feudalista de controle de cartel, que pode ou não ser bem-sucedido na produção de um mundo estável no pós-guerra, mas que certamente será contra a produção abundante de produtos baratos."

Não demorará muito para que os decretos franceses de salários estabilizados, regulamentação do pagamento de horas extras e a abolição do sistema de delegados sindicais ecoem na Inglaterra. E, depois disso, seguirá o processo de eliminação dos interesses capitalistas atomizados para estabelecer a unidade capital-estado que hoje reina nos países fascistas. Na formação do estado-nação moderno, a centralização política foi o meio necessário para superar o feudalismo, e agora se torna a guardiã do sistema de trabalho assalariado contra possíveis rebeliões. O que antes era aclamado vitoriosamente pelas classes mais baixas como sendo seu, agora se transforma em um sistema de opressão ao lado do qual a forma feudalista aparece como um monumento do liberalismo.

Da mesma forma que os capitalistas individuais se tornam fascistas (com exceções) apenas no momento da falência (e a alguns é negado até mesmo esse privilégio), as organizações trabalhistas capitalistas também têm dificuldades em adotar o fascismo. Elas podem, na melhor das hipóteses, acompanhar, mas nunca iniciar a nova tendência. O fato de que o antigo movimento trabalhista vive e morre com o capitalismo liberal vem à tona em sua impotência diante do fascismo e em sua necessidade inevitável de ajudar a preparar o caminho para ele. Em oposição à política ditatorial de Daladier, Leon Blum, por exemplo, em nome dos socialistas franceses, não pôde mais do que declarar que seu próprio programa não diferia em seu objetivo final, mas apenas no método, daquele da burguesia francesa. "Há até mesmo um movimento entre os elementos mais progressistas do C.G.T." (Centro Nacional de Sindicatos da França),

⁹ *The Price of Liberty*, p. 38.

¹⁰ *Ibid.*, p. 41.

¹¹ 12-9-1939; p. 364.

relata o *Economist*¹², "para pensar em termos de taxas universais de pagamento militar suplementadas por abonos familiares. Por que um trabalhador deveria receber mais do que um soldado?"

Quando, após o estabelecimento de controles de câmbio, de um sistema de licenças para o comércio exterior e com o início do controle de investimentos, os governos francês e inglês ajustaram suas economias às necessidades da guerra, o que os especialistas ingleses mais enfatizaram foi a necessidade de reduzir os salários ingleses ao nível dos franceses. Os representantes sindicais, dizia-se, "não conseguirão escapar da conclusão de que a classe trabalhadora britânica terá que fazer sacrifícios antes de alcançar a igualdade de esforços com a França"¹³. E os especialistas britânicos ofereceram vários planos para facilitar o sacrifício. O Sr. J. M. Keynes, o mais célebre deles, escreveu: "Os trabalhadores não devem fazer uma demanda imediata sobre os recursos nacionais maior do que a anterior; a comunidade pode ter que pedir a eles uma redução. Mas isso não é motivo para que eles não sejam recompensados por uma reivindicação de recursos futuros... A solução é distinguir dois tipos de dinheiro - recompensas pelo esforço atual - dinheiro que pode ser usado, se desejado, e dinheiro cujo uso deve ser adiado até que a emergência termine e tenhamos novamente um excedente de recursos produtivos"¹⁴. "Esse esquema se encaixa perfeitamente, como reclamou um americano, "na paixão crescente por coerção e arregimentação", mas deve divertir até mesmo os planejadores, pois eles sabem muito bem que a linguagem pomposa do Sr. Keynes não substituirá o chicote que apoiará o comando para trabalhar mais e comer menos. Pois "em nenhum momento de uma discussão realista sobre como, em particular, os cidadãos britânicos que sofreram perdas pessoais e patrimoniais com a guerra serão compensados, pode-se supor que alguém além do público britânico pagará a conta. Isso obviamente significa que será feita uma tentativa de manter a conta pequena"¹⁵. A conta só pode ser mantida pequena às custas dos trabalhadores. E se foi justo perguntar por que um trabalhador deveria receber mais do que um soldado, não é injusto perguntar também por que ele deveria viver mais do que um soldado?"

Quanto mais a luta pela democracia se espalha e quanto mais ela dura, mais rapidamente o mundo é fascizado. Começando com a subordinação completa do trabalho, o processo termina com uma classe dominante recém-instaurada controlando

¹² Londres, 2-3-1940; p. 191.

¹³ *Economist*, 16-12-1939.

¹⁴ *London Times*: 11-14; 11-15; 11-28-1939.

¹⁵ *The Economist*, Londres; 12-2-1939, p. 320.

toda a sociedade. Nem o capital nem o trabalho escaparão; tampouco restará uma ilha democrática para a qual os intelectuais possam escapar para preservar a "cultura" de ontem, ou seja, seu status de intelectuais em um mundo moribundo. "Se essa guerra levar a Europa a adotar o sistema econômico totalitário", concluiu uma mesa redonda de especialistas americanos¹⁶, "no qual o governo dirige a produção e o comércio exterior, os Estados Unidos poderão seguir na mesma direção, por motivos de autodefesa".

Embora a guerra acelere a disseminação do fascismo, ela não o causa. Não é possível prever corretamente a velocidade com que o fascismo avançará. No entanto, uma derrota dos "países democráticos" levaria à conclusão imediata da revolução fascista que está em andamento. Os países nos quais a propriedade privada, no sentido antigo, ainda tem peso suficiente, por essa razão - em autodefesa - estarão do lado da França e da Inglaterra. Uma aliança de um país como os Estados Unidos com a Alemanha pressuporia uma revolução fascista na América. Somente quando os elementos da propriedade privada fossem suficientemente repelidos, surgiria a questão da escolha dos parceiros de guerra. No momento, os Estados Unidos estão interessados apenas em uma derrota rápida da Alemanha, que exija sua entrada antecipada na guerra ao lado dos Aliados, ou em uma solução de compromisso, em uma trégua em vez de paz, para ganhar tempo para um realinhamento de forças menos favorável à Alemanha do que o atual. Em suma, o capitalismo quer tanto a guerra quanto a ausência de guerra. Essa atitude de Hamlet corresponde à oposição do capital privado às tendências fascistas nos países "democráticos". Isso constitui sua fraqueza e pressagia sua possível derrota, a menos que eles também se tornem tão unilateralmente totalitários quanto os países fascistas. Mas se isso acontecer - e eventualmente deve acontecer, com guerra ou sem guerra - então, para qualquer trabalhador que esteja sob o feitiço das ideologias, deve ficar evidente a falta de sentido de todas as questões nacionais e de todas as lutas por propósitos nacionais.

Quanto mais difícil a situação se tornar para os Aliados, quanto mais urgente se tornar a necessidade de ajuda dos Estados Unidos, mais fascista esses países se tornarão e mais eles levarão a Alemanha à eliminação final dos últimos resquícios do antigo capitalismo. Se a fascização não continuar nos países democráticos, não haverá chance de sucesso militar; e revoluções fascistas violentas tentarão salvar o que pode ser salvo nas diversas pátrias. Todos os caminhos levam ao estado totalitário.

¹⁶ Fortune, janeiro de 1940, p. 71.

É um pensamento nada menos do que retrógrado supor que uma trégua no momento melhoraria a posição dos Aliados, na chance de que a diplomacia aliada de libras e dólares pudesse derrotar a diplomacia alemã de tropas e canhões. O dinheiro era tudo, desde que fosse respeitado como a forma ideal e universal de riqueza e poder. O antigo slogan de Blanqui, de que "quem tem ferro, terá pão", tem mais peso hoje em dia. E se a Alemanha não puder garantir o minério de ferro de Weden ou o petróleo da Romênia por falta de divisas? Ela pode tomar as minas da Suécia e os campos da Romênia à força se não houver uma força contrária para impedi-la. O ouro nas colinas de Kentucky não é essa contraforça; para se transformar em força, significa o armamento da Suécia e da Romênia, ou a militarização dos Estados Unidos. A primeira leva tempo, a segunda significa fascismo. A diplomacia do dólar não é suficiente; a trégua será usada para militarizar as "democracias" até o ponto em que os fascistas voltem a ter o devido respeito pelo dinheiro. "Só podemos derrotar a Alemanha", afirma o *Economist*, "acumulando uma preponderância inquestionável de todos os materiais de guerra. A única maneira pela qual podemos ter certeza de que venceremos a guerra é aguardando o momento em que poderemos assumir o lado ofensivo com pelo menos uma igualdade de mão de obra e uma superioridade esmagadora de material - em resumo, fazer com os alemães algo parecido com o que eles fizeram com os poloneses no mês de setembro¹⁷". Se isso era verdade quando foi impresso, é ainda mais verdadeiro hoje. Isso implica que as forças antialemãs serão cada vez mais forçadas a adotar o sistema contra o qual estão lutando.

O desejo dos antifascistas é que o bloqueio e os problemas financeiros que estão se formando certamente levarão à derrota da Alemanha sem muito esforço por parte dos Aliados, mas nessa esperança os que se movimentaram e agitaram ontem ficarão totalmente desapontados. Os "marxistas" à la Sternberg que, ao contar nos dez dedos as fraquezas econômicas de sua antiga pátria, terão que refazer muitas contas. Sua "abordagem econômica" já é hoje uma espécie de propaganda à maneira de Goebbels. Ao fomentar a guerra, eles ajudam a criar um fascismo mundial; e mesmo que suas esperanças se concretizem, eles terão apenas ajudado a provocar uma mudança de comissários fascistas na Alemanha, mas não mais do que isso. Esses "marxistas" que propõem que outros lutem contra Hitler, garantindo-lhes sucesso antecipadamente, tornaram-se eles próprios fascistas, apesar da relutância de Hitler em conceder-lhes esse privilégio.

¹⁷ *The Economic Front*. 9 de dezembro de 1939; p. 363.

A revolução mundial fascista

Se a Alemanha vencer, alertam os antifascistas, ela dominará o mundo. Não é mais possível, na realidade, o outro fantasma que assombra muitos antifascistas, que é o fato de que dessa guerra possa surgir um sistema mundial de fascismo sob um corpo governante centralizado. A atual união econômica pouco convicta da França e da Inglaterra e sua possibilidade de continuação após a guerra, a conversa hipócrita de pacifistas, antifascistas, líderes trabalhistas e outras pessoas bem-intencionadas sobre o uso dessa guerra para estabelecer algum tipo de Federação Europeia que chegaria a um entendimento com o resto do mundo, retornando com isso à liberdade econômica, dá origem novamente ao sonho da exploração regulada internacionalmente.

Durante o período de reforma social, os adoradores socialistas do capital argumentaram que a chamada tendência de cada nação em direção ao Cartel Geral - o único grande truste - seria apenas o trampolim para um cartel internacional, no qual se veria a transformação consciente e pacífica da sociedade internacional no socialismo. Mais tarde, a Liga das Nações foi concebida como o primeiro grande passo nesse processo, mas a crise mundial, o colapso de inúmeros esquemas e tentativas reais de cooperação internacional transformaram o sonho no pesadelo de um fascismo mundial segundo o modelo russo, de modo que os únicos que continuaram felizes com essas fantasias foram os bolcheviques.

As classes dominantes dos estados-nação se desenvolveram historicamente de uma forma que exclui a possibilidade de compartilhar a exploração mundial por meio de acordos. A organização da economia mundial com sua divisão de trabalho altamente desenvolvida, vinculada como está a uma infinidade de interesses não diretamente relacionados às suas necessidades e consequências, desenvolve continuamente atritos entre as necessidades reais urgentes da produção e distribuição mundial e as necessidades de classe e interesses limitados da burguesia atomizada. Essa contradição expõe o modo de produção capitalista como um obstáculo ao desenvolvimento das forças produtivas da humanidade.

Teoricamente e abstratamente, é possível conceber que as guerras poderiam ser evitadas se todas as classes dominantes de todos os países, ou de um número decisivo de países importantes, se unissem em um corpo governante para organizar a exploração mundial em uma base econômica verdadeiramente mundial. O que restaria então seria a guerra de classes entre os exploradores mundiais e os explorados mundiais. Entretanto, embora

a mente humana pudesse construir tal situação, a história é mais e algo mais do que a mente humana. Em primeiro lugar, a atualização desse conceito significaria desconsiderar toda a história anterior, que criou um conjunto de condições em que mudanças decisivas só podem ser feitas por meio da luta. Além disso, no próprio processo de centralização do controle sobre os trabalhadores em todos os países, as posições de classe são alteradas, fortunas são destruídas e capitalistas são eliminados. Para efetivar um governo mundial centralizado que realizaria uma economia mundial exploradora, acabando com a necessidade de guerra, não uma, mas inúmeras guerras teriam de ser travadas para destruir uma infinidade de interesses especiais que se opõem a esse processo de centralização. Mas é provável que cada uma dessas guerras crie condições que permitam ou forcem a classe trabalhadora a destruir o atual governo de classe reacionário. Por ser a única classe cujos interesses não se opõem a uma colaboração mundial real e consciente, uma economia verdadeiramente mundial que liberaria as forças produtivas atualmente latentes só pode ser realizada com sucesso por essa classe.

A guerra atual demonstra, assim como toda a história capitalista anterior, a impossibilidade do capitalismo, nacional e internacionalmente considerado, de satisfazer as necessidades reais da produção mundial ou de dominá-la em sua própria maneira capitalista de se proteger. Mesmo em nível nacional, onde, por meio de métodos políticos, a concentração de capital alcançou a unidade com o Estado, ficou provado que é impossível eliminar as lutas dentro da classe dominante. E é impensável que elas possam ser eliminadas (sua forma só pode mudar) sem a erradicação total das classes. A própria existência de relações de classe gera continuamente atritos e lutas dentro da classe dominante. Enquanto a economia não for capaz de satisfazer os desejos relativos das grandes massas de pessoas - e a existência de relações de classe é indicada exatamente por essa situação - ela não poderá satisfazer os desejos da classe dominante, que por si só está dividida em muitas categorias de importância econômica e política. O controle dos controladores continua sendo uma necessidade, e as distinções são feitas em todas as camadas dessa sociedade. Cada mudança na produtividade do trabalho e cada reversão que a economia sofre deslocam seções inteiras e mudam suas posições dentro da classe dominante. A luta dos explorados para entrar na classe exploradora leva a uma luta contínua dentro dela, pois a luta na classe exploradora encontra seus argumentos na miséria ou nas aspirações dos explorados.

A impossibilidade de eliminar as lutas seccionais dentro de uma classe dominante nacional é comprovada de forma bastante dramática pelos vários expurgos na Rússia e na Alemanha, e como essa paz intraclasse não pode ser alcançada em países onde o controle político e econômico é praticamente unificado, sua possibilidade é ainda mais fantástica no caso de uma casta dominante internacional. Tudo isso independe da consideração mais importante sobre se uma maior produtividade e um melhor bem-estar geral seriam possíveis com base nesse controle centralizado, que, no entanto, mantém as antigas relações de classe entre capital e trabalho. Nem a Rússia nem a Alemanha provaram até agora que essa "prosperidade" maior é viável, e a prova só virá quando esse mundo real de unidades capitalistas opostas for substituído pelo paraíso dos profetas de um cartel mundial sem guerras.

Mas o cartel mundial sem guerra, no qual, por acordo internacional, as diferentes parcelas dos lucros criados no mundo são distribuídas às diferentes combinações político-econômicas de acordo com as necessidades do fascismo internacional, não se tornará realidade. Nem mesmo a unificação da Europa resultará da guerra atual, pois isso pressuporia a derrota completa de um ou outro grupo de beligerantes. Entretanto, a luta não é por questões europeias, mas mundiais. Uma Europa fascista unificada significaria, além disso, a continuação da guerra, não mais entre blocos de potências, mas entre continentes inteiros. E não faria diferença se os Estados Unidos fascistas da Europa fossem determinados pelo imperialismo alemão-russo ou pelo imperialismo inglês-francês. Os imperialistas americanos, por exemplo, estão bem cientes do fato de que, seja qual for o resultado da guerra, ela levaria apenas a outra guerra com questões ainda maiores envolvidas. Argumentando a favor do aumento do orçamento da Marinha, o secretário Charles Edison declarou recentemente: "O que pedimos não é suficiente para defender nossas águas domésticas, a doutrina Monroe, nossas possessões e nossas rotas comerciais contra uma coalizão de Japão, Rússia, Alemanha e Itália. Devemos encarar a possibilidade de uma derrota dos Aliados e, em seguida, medir a força das potências que podem se unir para agir contra as Américas. Se nossa Marinha for mais fraca do que a força combinada dos inimigos em potencial, então nossa Marinha é muito pequena. Ela é muito pequena¹⁸." Mas o imperialismo americano teria que se armar igualmente bem contra uma coalizão dominada pelos ingleses.

O capital deve se expandir ou se desintegrar. Em ambos os casos, as nações, os blocos de nações ou os continentes devem, necessariamente, invadir os interesses de outras

¹⁸ Citado em "Time", 22/1/1940, p. 18.

nações e coalizões. Nesse mesmo processo, as nações oprimidas aproveitam a oportunidade ou enfrentam a necessidade de se revoltar contra seus opressores. Estados nacionais surgirão à medida que outros desaparecerem. O cenário mundial não se desloca em direção a um maior equilíbrio, mas a um caos cada vez maior. A desordem é a base do capitalismo; a própria busca pela ordem leva a uma maior desordem. Ao lutar pela "independência" nacional, os países atrasados não apenas aumentam a desordem geral, mas também trazem à tona a impossibilidade de realização de seus desejos. Sua luta por fronteiras nacionais independentes ajuda a destruir outras nações. Isso é análogo ao que acontece na tentativa de proteger a concorrência em um mundo de monopólios. Quanto mais ferozmente se luta pela força competitiva, mais inexoráveis crescem as forças de monopolização. Os dias da economia de mercado capitalista estão contados, assim como os dias do nacionalismo capitalista. No entanto, a vitória da monopolização nunca poderá ser completa, e a questão nacional nunca poderá desaparecer, a menos que seja criado o cenário socioeconômico para uma regulamentação consciente da economia mundial. Essa tarefa só pode ser realizada pelo proletariado mundial, que ainda deve reconhecer que seus interesses vitais são idênticos internacionalmente. Embora esses interesses dos trabalhadores já estejam objetivamente unificados, os interesses vitais da classe dominante sempre permanecerão separados nacionalmente, não importa o quanto as nações se assemelhem umas às outras.

Apoiar hoje as lutas pela libertação nacional significa apoiar o crescimento do fascismo e o prolongamento da guerra. Porque somente ao se tornarem mais centralistas, mais capitalistas e mais agressivas do que os países mais antigos, essas nações seriam capazes de se "libertar" de um grupo de imperialistas para depois serem vítimas de outro. Mas nunca poderão se libertar da miséria capitalista que governa o mundo. Uma vez que todas as vantagens ainda estão do lado das nações imperialistas, a luta pela libertação nacional não é mais do que a escolha entre rivais imperialistas que não beneficiam a massa do povo oprimido, mas apenas seus governantes. Imaginar, por exemplo, que a independência da Índia, obtida por causa da guerra ou com a ajuda direta do imperialismo alemão, criaria condições democráticas e promoveria a capitalização desse país exige a perda de todo o senso de realidade.

Embora não haja mais chance de as nações oprimidas se libertarem, também não há mais chance de os opressores manterem seu domínio, assim como também há pouca esperança de que as chamadas nações sem recursos superem suas dificuldades atuais tomando para si as posses das nações com recursos. Afinal de contas, a posição

favorável das nações que têm não as poupou da depressão e do declínio econômico. Elas podem cair mais tarde, mas quando suas reservas se esgotam, elas caem mesmo assim.

É um espetáculo bastante lamentável o que o capital inglês e francês está fazendo ao se proteger da questão russa. Eles não conseguem se decidir se devem ou não incluir a Rússia entre seus inimigos. Não apenas a Alemanha, ou a Alemanha e a Rússia, mas o mundo inteiro é inimigo da Inglaterra, assim como não apenas a Inglaterra, mas o mundo inteiro - apesar das propostas alemãs à França - é inimigo da Alemanha. De fato, "a Rússia, e não a Alemanha, é o antagonista histórico da Grã-Bretanha na Ásia; e a Rússia, e não a Alemanha, é a ameaça estratégica à linha de vida imperial da Grã-Bretanha, do Cairo a Calcutá. Os alemães veem, além dos campos de trigo da Ucrânia e dos poços de petróleo do Cáucaso, a rota terrestre para a Índia. Já tendo obtido a promessa de ajuda econômica da Rússia, eles veem a perspectiva de obter também a pressão russa sobre as vastas extensões do império britânico¹⁹". Se, por causa disso, os britânicos tentarem romper a aliança russo-alemã, não encontrarão recompensa. A estratégia do "equilíbrio de poder" chegou ao fim. O que se acreditava ter funcionado de alguma forma nos últimos cem anos certamente não funciona mais. A política da Inglaterra de impedir o estabelecimento de uma potência ou coalizão capaz de desafiar sua supremacia não salvou o Império, mas foi a relativa prosperidade em todo o mundo que deu credibilidade ao valor dessa política. Embora aparentemente tenha levado à derrota da Alemanha na última guerra, sua continuidade permitiu o retorno alemão para que pudesse novamente desafiar a supremacia inglesa²⁰. Como o bem-estar do capitalismo internacional permitiu o sucesso da política do "equilíbrio de poder", a crise geral do capitalismo exclui seu funcionamento. Não esta ou aquela política, mas a profunda pressão econômica que move o mundo hoje também determina seu futuro.

E se a Inglaterra conseguir romper a nova aliança dos países fascistas, concedendo à Rússia o que ela recusa à Alemanha, ou dando à Itália o que ela nega ao Japão, ou ao Japão o que ela nega à Rússia, ou à Alemanha o que ela nega à Rússia? Então, novas alianças surgirão como resultado, novos interesses surgirão, e a guerra, embora deslocada, permanecerá porque a fome é geral. E se, com esses movimentos, um ou outro país, seja a Rússia ou a Alemanha, for totalmente derrotado e desmembrado pelos

¹⁹ Barron's Financial Weekly, 2-12-1940, p. 3.

²⁰ Consulte "The World War in the Making", Living Marxism No. 5, pp. 132.

vencedores? "Acabaram-se os dias", lamenta o *Economist*²¹, "em que se esperava que o inimigo derrotado arcasse com as despesas do vencedor e também o indenizasse pelos inconvenientes e sofrimentos envolvidos na luta contra a guerra, (...) o entendimento de que o perdedor paga já seguiu o caminho da maioria dos princípios esportivos que eram uma característica menor das guerras do passado distante". E se, no decorrer da guerra, os interesses alemães em todo o mundo forem eliminados? Essa guerra não é apenas não lucrativa²², mas totalmente sem sentido do ponto de vista dos interesses capitalistas nacionais. Não apenas há uma chance de que potências não beligerantes se aproveitem da situação de guerra, mas os países atrasados pelos quais a guerra é realmente travada ainda podem levantar a cabeça e garantir para si os direitos exclusivos de exploração de seu "povo". Na América do Sul, por exemplo, o petróleo para o México e o aço para o Brasil são os pretextos para o desenvolvimento de sistemas econômicos controlados metade pelo Estado e metade pelo setor privado, como os que vigoram hoje na Europa. O capital privado não poderá mais controlar esses países e não estará mais disposto a assumir os riscos necessários. Para continuar a exploração de países como os da América do Sul, deve surgir uma América do Norte fascista.

A guerra econômica perturba ainda mais o comércio mundial, já bastante desorganizado, e ameaça os negócios estrangeiros de todas as nações "neutras", incluindo os americanos. Os ingleses, por exemplo, pressionaram a Argentina a comprar produtos britânicos, excluindo os produtos dos Estados Unidos. Os alemães aumentaram suas exportações para todos os mercados disponíveis. Eles têm uma política de preços dedicada à guerra econômica e estão produzindo em uma escala que não apenas manterá um exército no campo, mas na maior escala que sua máquina industrial puder atingir. Os não beligerantes não estão lucrando com a guerra; eles relatam o aumento do desemprego e a crescente estagnação econômica. Como a história não pode ser revertida - interesses que, por sua vez, devem ser derrotados, pois não recuarão voluntariamente.

É preciso rir ao ler a proposta do Sr. Welles ao governo francês de que um objetivo de guerra deve ser a remoção das barreiras comerciais recém-estabelecidas. A declaração

²¹ 12-2-1939, p. 320.

²² A revista *The Economist* de 9 de dezembro de 1939, p. 365, afirma: "Agora há um reconhecimento generalizado da necessidade de usar a arma da concorrência de exportação e importação contra a Alemanha nesses mercados que ainda estão abertos para ela e para nós. Devemos estar preparados para vender mais barato nesses mercados, se com isso pudermos fazer com que a Alemanha também baixe seus preços; devemos estar preparados para pagar preços extravagantes por produtos que não queremos, se a Alemanha os quiser... As indústrias de exportação não são uma alternativa às indústrias de munição; elas são indústrias de munição."

de Welles²³ listou três pontos: "1) Relações comerciais saudáveis devem ser a base da paz política e econômica. 2) A prosperidade do comércio internacional impede acordos discriminatórios exclusivos entre dois países. 3) Se o comércio mundial tiver que ser reconstruído após a guerra, deve ser sem ressentimento ou medo de qualquer nação em relação a outras". E é apenas de acordo com a natureza dessas propostas que o Presidente Roosevelt acrescentou a elas a necessidade de "acabar com os grandes exércitos e a necessidade de permitir o livre intercâmbio internacional de ideias e permitir a adoração a Deus".

O retorno ao mercado livre como meta de guerra combina bem com a proclamação hipócrita de que nada mais do que a derrota de Hitler e o restabelecimento das fronteiras violadas pela Alemanha estão envolvidos nessa guerra. Nem uma coisa nem outra podem ser realizadas, mesmo que os estadistas, pela primeira vez na história do estadismo, estejam falando sério. A crescente fascização por meio da guerra elimina todo o respeito pelas fronteiras nacionais, já que a política externa fascista significa exatamente a eliminação das fronteiras que impedem a expansão necessária. Para manter a segurança e a lucratividade dos atuais blocos de poder, novas barreiras comerciais precisam ser erguidas de acordo com suas diferentes necessidades. O planejamento trará o contraplanejamento, as características da guerra econômica atual se tornarão permanentes se os planos fascistas forem bem-sucedidos.

Há inúmeros argumentos adicionais que comprovam a impossibilidade prática de realização de um cartel mundial fascista. A guerra atual não produzirá uma reorganização internacional capitalista que permita um novo período de avanço capitalista. Essa guerra, assim como a depressão permanente desde 1929, é apenas mais um lado do processo de declínio da forma capitalista de sociedade.

Fim da guerra

A "revolução mundial" fascista deve, então, ser entendida como a reorganização de todos os países com base em uma economia fascista, acompanhada de tentativas violentas de reordenar as posições de poder econômico no interesse dos países fascistas dominantes e de seus satélites. A guerra atual não levará a outro período de paz, mas é uma guerra permanente, assim como a depressão de 1929 se tornou permanente. Não haverá vencidos nem vencedores; a derrota e a vitória implicariam que o fim da guerra já existe em seu início. Os países que ainda estarão envolvidos na guerra e os

²³ New York Times, 3-10-1940.

realinhamentos que ocorrerão, por mais interessante que seja essa especulação, não nos dizem respeito, nem à classe trabalhadora em geral. Nem a vitória nem a derrota são mais importantes para as classes dominantes, embora não haja outra opção a não ser trabalhar para a vitória. Elas nunca obterão a paz que desejam; tudo o que podem conseguir é uma trégua temporária que implique a derrota da Inglaterra e da França ou da Alemanha. Em ambos os casos, a posição dos países forçados à trégua se tornará insustentável e seu colapso será apenas uma questão de tempo. Eles não poderiam deixar de iniciar outra corrida armamentista e se preparar para a retomada da guerra. A trégua não seria longa porque, sem a guerra, as condições internas culminariam em convulsões sociais, tornando as incertezas da guerra mais preferíveis para as classes dominantes. E, no entanto, embora a guerra pareça ser a única solução para o dilema capitalista, o sistema não será capaz de levar a guerra até o ponto necessário para a solução de suas contradições.

Devemos nos lembrar, neste ponto, que a acumulação capitalista chega ao fim simplesmente porque não consegue produzir os lucros necessários para uma expansão contínua. Quando o capital se torna gigantesco demais, os lucros se tornam muito pequenos em comparação com o capital para serem aumentados na taxa anterior de crescimento, uma taxa necessária, embora não mais possível, para a existência da prosperidade. Em outras palavras: os lucros criados, por maiores que sejam, são pequenos demais para serem empregados com qualquer significado em relação às exigências crescentes de uma massa maior de capital; o maior exército desempregado indica apenas uma falta real de força de trabalho em relação às necessidades de lucro determinadas por uma expansão progressiva. De maneira semelhante, a guerra que pode ser necessária para a reorganização do capitalismo, necessária para sua existência futura, pode exigir energias que não podem mais ser criadas pelo capitalismo. O maquinário de guerra necessário para que cada um dos países beligerantes esmague o outro pode estar fora de seu alcance. Assim como o capital fica ocioso, aparentando ser um excedente, embora na realidade represente uma escassez de capital porque não é suficiente para uma expansão lucrativa, os exércitos e o maquinário de guerra ficam imóveis porque - por mais enormes que possam parecer - ainda são insuficientes para tornar provável o sucesso de uma ofensiva. O capital ocioso indica a depressão permanente - os soldados ociosos no Reno ilustram a permanência da guerra. Por mais ridículo que seja, do ponto de vista capitalista, ativar um capital que seria estéril em termos de lucro, seria igualmente ridículo colocar em movimento exércitos incapazes de

alterar o equilíbrio. Entretanto, o capital pesa mais do que vidas humanas, e os capitalistas preferem arriscar seus soldados a investir seu capital de forma não lucrativa. Mas, mesmo que a ofensiva acabe ocorrendo, por meio do desespero causado pela crescente pressão econômica e social, ainda assim ela deve, necessariamente, ocorrer dentro da estrutura de uma guerra limitada, incapaz de cumprir seu direito de nascença: a derrota total do inimigo.

O custo de equipar e manter uma divisão em campo quase dobrou desde a última guerra. O custo do equipamento aeronáutico por homem, somente na força aérea inglesa, é de cerca de 2.000 libras por ano. O avanço tecnológico do maquinário de guerra aumentou enormemente o custo das operações militares, e pode-se dizer que, para cada soldado, são necessários pelo menos 10 trabalhadores para garantir sua eficiência nas condições modernas de guerra.

Os enormes exércitos mantidos em constante prontidão, a produção para fins puramente destrutivos aumentando continuamente, a necessidade de levar adiante a guerra econômica e a necessidade de prover sustento para os trabalhadores que trabalham em alta velocidade, tudo isso consome a mais-valia como nunca antes e leva a uma crescente pauperização de todos os países, e ainda assim esse processo não pode ser interceptado por um súbito esforço gigantesco por parte de uma das potências beligerantes. Para tal esforço, todas as energias disponíveis não são suficientes. Assim, surge uma situação que exige a permanência de uma guerra decorrente da depressão permanente - uma crise que não pode ser encerrada a não ser pelos próprios soldados, os soldados tanto nas frentes de batalha quanto nas fábricas, pois no decorrer da guerra qualquer distinção entre essas divisões da classe trabalhadora desaparecerá²⁴.

²⁴ Este artigo, que continuará na próxima edição, tratará das outras consequências da guerra permanente, do significado de um eventual acordo de paz temporário, das possíveis consequências das tentativas de acabar com a permanência da guerra transformando o mundo inteiro em um campo de batalha e, por fim, das possibilidades de mudança da sociedade pela classe trabalhadora internacional. Na continuação deste artigo, haverá uma discussão crítica dos argumentos apresentados por *Alpha* nesta edição do *Living Marxism*.